

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

276

INSCRIÇÕES 918-921



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2025

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL



918-920

TRÊS GRAFITOS DE *OSSONoba*

Apresentam-se três grafitos encontrados no decorrer de trabalhos arqueológicos desenvolvidos na cidade de Faro (Portugal) (fig. 1).

918

O primeiro corresponde a um grafito *ante cocturam* executado no bordo de um prato de cerâmica comum (fig. 2). Este prato encontrava-se armazenado juntamente com o espólio recolhido na rua Infante D. Henrique n.ºs 58-60, em Faro. Infelizmente, a etiqueta que o acompanhava apenas referia o sítio da sua proveniência e não continha qualquer indicação relativa ao contexto estratigráfico. Neste sítio foram realizadas várias sondagens arqueológicas, em 2004, com o objetivo de minimizar o impacto das obras de ampliação de uma unidade hoteleira. Estas intervenções permitiram a identificação de estruturas romanas, bem como a recuperação de vasto espólio arqueológico. Entre os materiais estudados, encontram-se abundantes fragmentos de *terra sigillata* e de lucernas, já estudados, cujos resultados permitiram datar o sítio de entre a primeira metade do século I d.C. e o primeiro terço/meados do século V (Martins 2019).

Localizado na malha urbana da antiga cidade de *Ossonoba*, o sítio encontra-se numa zona de transição entre os bairros residenciais e a área industrial (Bernardes *et alii* 2020). Embora a limitação espacial da área intervencionada tenha dificultado a interpretação completa das estruturas, as descrições contidas no relatório arqueológico e a análise dos materiais recolhidos sugerem

a existência de uma zona de peristilo, pátio ou átrio de uma *domus*, com fases de construção e abandono datadas do século III.

Relativamente à peça, encontra-se fragmentada, conservando apenas parte do perfil (bordo e bojo). Trata-se de um prato de bordo voltado para o exterior, de cerâmica comum, com pasta muito pouco granulosa de duas cores distintas, sendo a da zona do bojo avermelhada (2.5YR/5/6) e a da zona do bordo cinzenta (5YR/3/1), e com algumas inclusões brancas muito pequenas, fazendo lembrar as produções africanas. O seu diâmetro é de 22,2 cm e conserva uma altura máxima de 3,6 cm. A ausência de qualquer informação sobre o seu contexto estratigráfico impede-nos de estabelecer uma cronologia mais precisa.

Quanto ao grafito, foi gravado na aba do prato na fase pré-cozedura. Encontra-se em letra capitular bem visível, ainda que, devido ao estado fragmentário da peça, esteja incompleta.

As letras de maior dimensão apresentam uma altura máxima de 1,2 cm e uma largura de 0,7 cm, enquanto as letras de menor dimensão têm uma altura máxima de 0,9 cm e uma largura de 0,1 cm.

Hipótese de leitura: [... A]RES ANT (*hedera?*)

A fragmentação da peça deixa ver apenas algumas letras que poderiam fazer parte de um antropónimo, marca de propriedade, ou de um texto mais vasto, do tipo voto, não permitindo, todavia, arriscar qualquer hipótese de reconstituição. Junto da fratura ainda se vê uma haste vertical que poderia corresponder a um “A” pertencendo à mesma palavra das três letras seguintes, “RES”. As letras que se seguem corresponderiam a um nexa com as letras “A” e “T” bem visíveis e, eventualmente, tendo de permeio um N ou um V. Admitindo que o nexa tivesse três letras, é mais provável que se tratasse de um N, o que poderia explicar o traço na base da primeira haste do “A”, comum à do N, como que sublinhando o caráter duplo dessa haste (Fig. 2).

Neste sítio foi identificado um outro grafito (Fig. 3), neste caso realizado pós-cozedura, no fundo externo de uma taça em *terra sigillata* sudgálica Dragendorff 24/25, com marca do oleiro *Licinus* (Martins 2019, p. 73).

No grafito, podem observar-se as letras ‘CA’, com a hipótese de leitura ‘CA(*ius*)’, ou de um qualquer nome iniciado por aquelas letras, como CA(*ssius*), certamente marca de propriedade, sendo, neste caso, reconstituível no genitivo: CA(*ii*), CA(*ssii*).

Este grafito faz lembrar um igual que apareceu, também gravado numa peça de *terra sigillata*, em *Segobriga*, ainda que neste não seja claramente perceptível se as duas letras corresponderiam à totalidade do grafito (*HEpOL* 27888).

Um terceiro grafito, gravado no reboco de uma parede com pintura mural, é proveniente de um contexto da Avenida da República da mesma cidade de Faro, a cerca de 300 metros do sítio anterior (Fig. 4). O fragmento de pintura com o grafito foi encontrado por entre vários fragmentos de um conjunto pictórico no sector 1 da obra da Av. da República n^{os} 144-162, em Faro, especificamente retirados do interior da cetária n^o 3, correspondendo à unidade de enchimento e amortização da mesma. Esta faz parte de um conjunto de quatro cetárias, cuja fundação corresponde à 1^a fase de ocupação do sítio, com datação balizada entre os séculos I e II d.C., segundo foi apurado pelo estudo geral dos materiais, dos quais foi possível identificar vários fragmentos de *terra sigillata* sudgálica decorada (Resende, Monteiro & Feio 2022).

São visíveis 3 letras que poderiam fazer parte de uma inscrição mais longa:

DIV[....?]

Face ao pequeno fragmento truncado, que não permite determinar a extensão da inscrição, não é possível fazer a reconstituição da mesma, embora, e tendo em conta o contexto pictórico em que foi gravado, seja tentadora, a título meramente

hipotético, a leitura DIV[I].

Relativamente aos depósitos de enchimento das cetárias, no relatório final das escavações os arqueólogos propõem uma datação paleocristã, com uma cronologia de entre os séculos V e VI d.C., justificada pela presença de cerâmica cinzenta e pelos motivos cruciformes presentes na pintura mural encontrada (*ibidem*). Ainda que motivos cruciformes semelhantes aos da pintura encontrada sejam relativamente comuns na decoração musiva romana desde finais do séc. II até ao séc. IV d.C., como são os casos do mosaico de *Priapus* na *villa* romana de Bobadilla, no Sul de Espanha (Vargas-Vázquez & Romero Pérez 2021) e o mosaico de Oeiras, em Lisboa (Gomes, Cardoso & André 1996), ambos datados de finais de séc. II e princípios do séc. III d.C., a realidade é que, em pintura, a utilização da cruz grega é bastante incomum, sendo conhecido um exemplar num sistema de relação contínua em Tréveris, na Alemanha, datado do séc. IV d.C. (Reusch 1965).

Estilisticamente, para o conjunto do qual é proveniente o grafito em questão, apenas foi possível a reconstituição da zona superior da pintura, correspondendo também a um sistema de relação contínua, semelhante ao identificado na sala A do Edifício do Sector G XVII, em Conímbriga, datado de finais do séc. III. Estes sistemas de relação contínua são comuns nas zonas superiores da Península Ibérica entre os séculos II (Íñiguez & Guiral 2022) e inícios do IV d.C. (Martins 2022).

Tendo em consideração o crescimento do Cristianismo na cidade de *Ossonoba* entre finais do séc. III e o séc. IV (Lamelas 1992), o contexto arqueológico do fragmento de pintura e os paralelos referidos no parágrafo anterior, parece relativamente seguro apontar a cronologia deste grafito para a época tardia, entre os finais do séc. IV e o séc. V d.C.

Referências:

BERNARDES, João Pedro; BOTELHO, Paulo; MARTINS, Ana; SANTOS, Fernando (2020) – *Ossonoba* (Faro, Portugal), in Pizzo, Alberto, ed. – *La arquitectura doméstica urbana de la Lusitania romana*, Mérida, pp. 227-232.

GOMES, Mário Varela; CARDOSO, João Luís; ANDRÉ, Maria da Conceição (1996) – O mosaico romano de Oeiras: Estudo iconográfico, integração funcional e cronologia, *Estudos*

Arqueológicos de Oeiras, 6, pp. 367-406.

HEPOL – *Hispania Epigraphica online* [em linha], disponível em: <https://hepol.uah.es> [Consult. 10 jan. 2025].

ÍNIGUEZ BERROZPE, Lara; GUIRAL PELEGRÍN, Carmen (2022) – El sistema de relación continua en la pintura mural romana de Hispania, *Zephyrus*, 88, pp. 163–189.

LAMELAS, Isidro (1992) – Primórdios do Cristianismo em Portugal, *Theologica*, 27 (2), pp. 293-299.

MARTINS, Ana (2019) – *Contributo para o estudo da cidade romana de Ossonoba: A terra sigillata da Rua Infante D. Henrique n.ºs 58-60*, Dissertação de mestrado, Évora, Universidade de Évora.

MARTINS, Ana; PEREIRA, Carlos (2022) – Lucernas romanas de Ossonoba: O conjunto da intervenção da Rua Infante D. Henrique n.ºs 58-60 (Faro, Portugal), *Portvgalia*, 43, pp. 133-166.

MARTINS, Daniela (2022) – *Contributo para o conhecimento da Pintura Mural Romana de Conímbriga: A Casa do Tridente e da Espada e a sala A do Edifício do sector G XVII*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

RESENDE, Ana; MONTEIRO, Pedro; FEIO, Jorge (2022) – *Intervenção Arqueológica no âmbito da Demolição do Edifício Antigo e Construção de Novo Edifício, sito na Av. da República, n.ºs 144-162 e Rua da Barqueta, n.ºs 29-33, FARO*, Relatório Final – Maio 2022.

KONRAD, Kempf Theodor; REUSCH, Wilhelm (1965) – *Frühchristliche Zeugnisse im Einzugsgebiet von Rhein und Mosel*, Trèves.

VARGAS-VÁZQUEZ, Sebastián; ROMERO PÉREZ, Manuel (2021) – Roman mosaics of Antequera. An overview, *Journal of Mosaic Research*, 14, pp. 319-340.

ANA MARTINS*

DANIELA MARTINS**

JOÃO PEDRO BERNARDES***

* CHAIA-HERCULES – Universidade de Évora; Universidad de Granada; FCT (2021.06047.BD) / ORCID <https://orcid.org/0000-0002-2809-4315>.

** CEAACP; Universidade do Algarve; Universidad de Múrcia; FCT (2023.01386.BD) / ORCID <https://orcid.org/0009-0002-3856-4306>.

*** CEAACP; Universidade do Algarve / ORCID <https://orcid.org/0000-0002-1086-2128>.

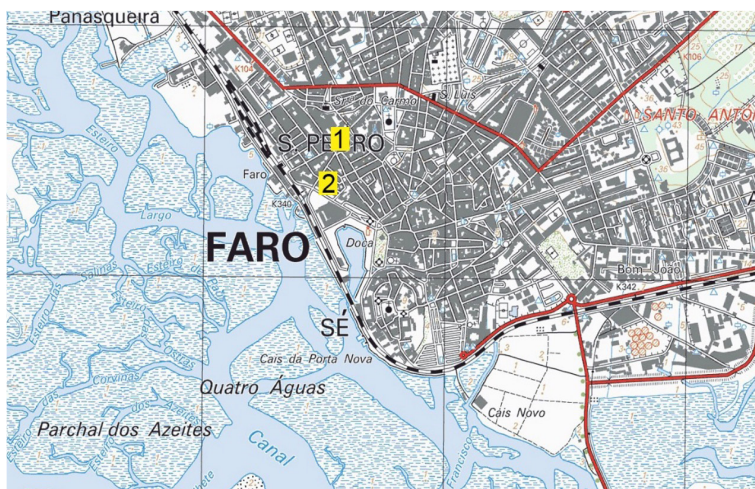


FIG. 1 – Localização das intervenções arqueológicas.

1 – Rua Infante D. Henrique n.ºs 58-60; 2 – Avenida da República n.ºs 144-162.

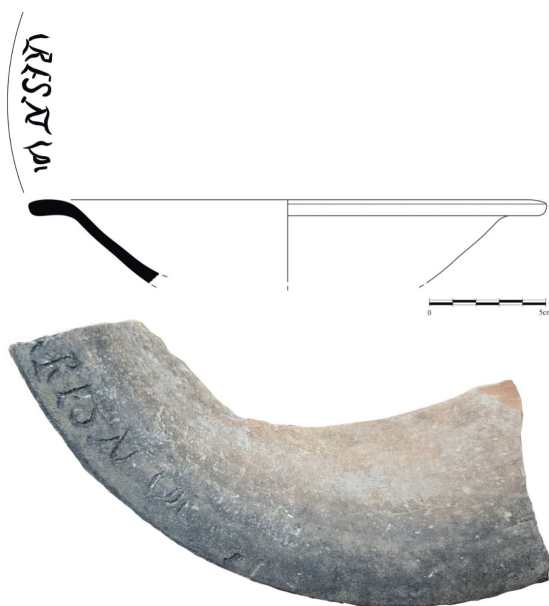


FIG. 2 – Grafito em prato de cerâmica comum recolhido na Rua Infante D. Henrique n.ºs 58-60.

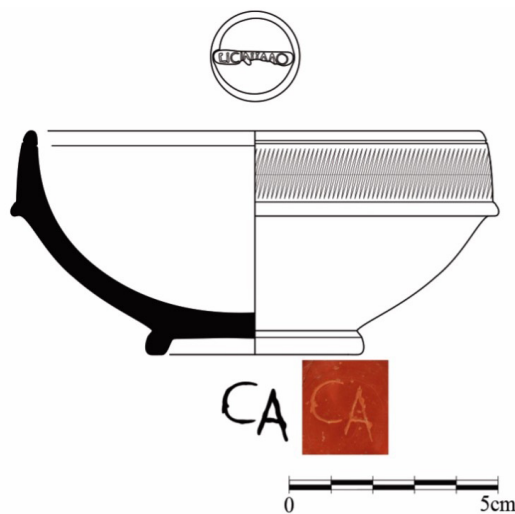


FIG. 3 – Grafito em taça Drag. 24/25 recolhido na Rua Infante D. Henrique n.ºs 58-60.



FIG. 4 – Grafito gravado no reboco de uma parede com pintura mural recolhido na Avenida da República, n.ºs 144-162.

919-920

NUEVAS INSCRIPCIONES EN ÁNFORAS OLEARIAS EN LA CATRIA (LORA DEL RÍO, SEVILLA)

Los cuatro fragmentos de ánfora Dressel con sello que se analizan a lo largo de este documento fueron hallados en el yacimiento de La Catria (Lora del Río, Sevilla), una de las principales zonas de producción y exportación de ánforas de la *Hispania Baetica* durante época romana (REMESAL RODRÍGUEZ 1977-78; CHIC GARCÍA 1992, 107-136; BERNI MILLET 2008, 318-334)¹.

La Catria va a ser el mayor productor anfórico de todo el valle del Guadalquivir (PÉREZ GONZÁLEZ 2017, 78), referencia de la industria en el valle del Guadalquivir desde el siglo I a.C. hasta

¹ La presente investigación se enmarca en la asignatura “Patrimonio Documental Arqueología” del Máster en Arqueología y Gestión del Patrimonio Arqueológico de la Universidad de Alcalá (curso 2024/2025). Se trata de una actividad de investigación y análisis epigráfico dentro del proyecto de documentación de sellos sobre ánforas, auspiciada por Jordi Pérez González. La propuesta materializa propuestas sobre el empleo de la base de datos de epigrafía anfórica en el ámbito universitario con la publicación de varias inscripciones (sobre ello véase: BERMÚDEZ *et al.* 2022).

La propuesta no hubiera sido posible sin la autorización de Juan Moros Díaz, custodio de los materiales presentados y del editor de la presente revista, José d’Encarnação. Al primero debemos también la edición de las inscripciones y su conservación en la colección BBSM (= Barea, Barea, Solís, Moros). La consulta inicial se realizó a través del buscador de epigrafía anfórica latina del CEIPAC (<http://ceipac.ub.edu/>).

el siglo III d.C., momento en que el río Betis era el dinamizador de las exportaciones interprovinciales (BERNAL-CASASOLA E GARCÍA VARGAS 2024, 88).

En la década de los años 70 del siglo pasado, Remesal llevó a cabo unas prospecciones en la zona para recopilar el mayor número de sellos. Esto le permitió estudiar unas seiscientas marcas con diversos nombres, variantes y formas que fueron producidas en este centro, demostrando que La Catria fue el mayor centro productor de aceite para los intereses de la *annona* en la zona occidental del imperio (REMESAL RODRÍGUEZ 1986).

Las estadísticas resultantes del estudio anfórico en los límites del Imperio siempre ofrecen resultados concomitantes con La Catria como el mayor representad BBSM o en su distribución, desde ambas Germanias hasta *Britannia*, pasando por *Raetia* y la propia *Mauretania Tingitana*. De igual forma, en los mercados de consumo interno también se dio esta dinámica: véanse las Galias *Narbonensis* o *Lugdunensis* (un resumen del estado actual de la investigación en REMESAL RODRÍGUEZ e PÉREZ GONZÁLEZ 2022).

Corpus de sellos:

Lugar de hallazgo: La Catria (Lora del Río, Sevilla).

Lugar de conservación: POR·L·F·S (BBSM 2646); PORL·FS (BBSM 2350); POR·L·F·2 (BBSM 2336); POR·L·F·s (BBSM 2369).

Bibliografía: ejemplares en su lugar de producción: REMESAL RODRÍGUEZ 1977-78 (14); CHIC GARCÍA 1985, 71 (1) y DESBONNETS 2018, 537 (7). En sus lugares de consumo: AMAR, LIOU 1989, 273 (Golfo de Fos (1)); BIUNDO 2008, 27 (Roma (1)); CALLENDER 1965, f.13.29 (Avenches (1)); f.13.28 (Colchester (1)); CARRERAS, FUNARI 1998, 290.c3 (Cirencester); 290 d4.a1 (Colchester (2)); 290.5 (York (1)); *CIL* XV 2870,1-2 (Roma (2)); ÉTIENNE, MAYET 2004, 528g (Isère (1)); OLMER 1997, 789 (Autun (1)); REMESAL RODRÍGUEZ 1986, 115a (Nijmegen (1)); 115 (Nida (1)); 2018, 64a-b (Xanten (2)); SCHÜPBACH 1983, 115a (Avenches (1)); SEIGNOVERT 1979, 191a (Isère (1)), 191b (Nîmes (1)).

Lugar de producción: La Catria (REMESAL RODRÍGUEZ 1977-78, nº 31); Haza del Olivo? (PORLES, PONSICH 1979, nº 83).

Datación tipológica: Étienne y Mayet (2004 528g) proponen una datación de época de Claudio, mientras que otros autores, como Remesal (1896, 115a; 2017, 64) o César Carreras (1998,

209d4), lo datan en el periodo flavio-trajaneo. Por su parte, Berni consideró el tipo atribuible a una fecha próxima al 60 d. C. (2008, 329, tabl. 59; 2017 – recogido en DESBONNETS 2018, 491). Todo parece indicar que, en realidad, sería una producción flavia, vinculada a la formación del *portus* en época de Vespasiano².

Lectura: *POR(tu) L. F(---) S(---)* (REMESAL RODRÍGUEZ 2018, 64) o *POR(tus) L. F(---) S(---)* (BERNI MILLET 2008, 338). Seguramente nos encontramos ante una estructura *portus* + *tria nomina*.

Comentario: Remesal 2022 (2870, 1-2) sugiere confrontar la lectura con la inscripción *CIL* XV 2647 (PORTPAH). Aquí proponemos que es probable que la confrontación con la serie de PORPAH sea por mera coincidencia del elemento *Port(us)*, al tratarse de lugares de producción diferentes y distantes. En paralelo, la variante *POR·L·F·S* (BBSM 2646) se cataloga como la matriz nº 3.a3 del dendrograma creado por Juan Moros³. Las interpunciones, aunque muy desvanecidas están, cabe recordar que los puntos son lo primero en desaparecer de un sello al llenarse del propio barro y si no limpiaban la matriz, se desvanecían frecuentemente. En paralelo, las variantes 2350 (PORL·FS) y 2646 (POR·L·F·S) son atribuibles a la matriz del tipo nº. 3.a3, mientras que la variante 2369 (POR·L·F·s) a la matriz nº. 3.c (véase Figura 2).

² Ahondaremos en ello en una publicación en curso de otro ejemplar de la misma serie hallado en Mesas de Lora. Aprovechamos para agradecer los comentarios sobre la problemática cronológica a Piero Berni Millet.

³ Los dendrogramas son un nuevo sistema para organizar los sellos de las ánforas Dressel 20 en centros de producción y que están explicados en Capítulo 4 de Moros Díaz 2021, 137-167.

SILVIA VERÓNICA BOBUTANU⁴

LUCÍA MUÑOZ FARNÁNDEZ^{4,5}

VÍCTOR MUÑOZ PÉREZ⁴

LAURA ROMERO PÉREZ⁴

JUAN MOROS DÍAZ⁶

AUSPICIAO POR JORDI PÉREZ GONZÁLEZ

Bibliografía:

AMAR, G., & LIOU, B. (1989). *Les estampilles sur amphores du golfe de Fos (II)*. En L. Rivet (Ed.), *Actes du Congrès de Lezoux* (pp. 419–444). Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule (SFECAG).

BERMÚDEZ LORENZO, J. M., PÉREZ GONZÁLEZ, J., RULL FORT, G., & AGUILERA MARTÍN, A. (2022). Roman Open Data: A data visualization & exploratory interface for the academic training of university students. *CEUR Workshop Proceedings*, 3129. <http://ceur-ws.org/Vol-3129/>

BERNAL-CASASOLA, D., & GARCÍA VARGAS, E. (2024). Navegación, cerámica y territorio en el Guadalquivir romano (siglos II a.C.–III d.C.). En J. C. Sáenz Preciado, C. Aguarod Otal & C. Heras Martínez (Eds.), *Los cursos fluviales en Hispania: Vías de comercio cerámico. Actas del VI Congreso Internacional de la SECAH (Zaragoza, 2022)* (pp. 83–98). Monografías Ex Officina Hispana, 6.

BERNI MILLET, P. (2008). *Epigrafía anfórica de la Bética: nuevas formas de análisis* (Instrumenta, 28). Edicions de la Universitat de Barcelona.

BIUNDO, R. (2008). I bolli sulle anse delle anfore Dressel 20. En F. Filippi (Ed.), *Horti et Sordes. Uno scavo alle falde del Gianicolo* (pp. 284–294). Edizioni Quasar.

CALLENDER, M. H. (1965). *Roman Amphorae (with an Index of Stamps)*. Oxford University Press.

⁴ Departamento de Historia y Filosofía de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Alcalá.

⁵ Miembro investigador del Área de Arqueología de la Universidad de Alcalá. Dentro del proyecto ACCARQ: Accesibilidad, Arqueología y Difusión. Nuevas formas de caracterización de contenidos culturales accesibles e inclusivos en un yacimiento arqueológico (PTUAH23/005) con un contrato INVESTIGO de las JCCM (03 UAH-INV-JCCM) financiado por el Programa de Fondo Social Europeo Plus (PFSE+).

⁶ Miembro del grupo de investigación CEIPAC de la Universitat de Barcelona. Financiado por Ex Hispania in Imperium. Interdependencia provincial y dinámicas socioeconómicas de la producción y comercio de alimentos en el Alto Imperio (PID2021-123951NB-I00).

CARRERAS MONFORT, C., & FUNARI, P. P. A. (1998). *Britannia y el Mediterráneo: Estudios sobre el abastecimiento de aceite bético y africano en Britannia* (Instrumenta, 5). Edicions de la Universitat de Barcelona.

CHIC GARCÍA, G. (1985). *Epigrafía anfórica de la Bética I: Las marcas impresas en el barro sobre ánforas olearias (Dressel 19, 20, 23)*. Universidad de Sevilla.

CHIC GARCÍA, G. (1992). El conjunto alfarero romano de la Catria. En *Actas del Congreso Internacional de Arqueología Clásica* (pp. 107–136).

DESBONNETS, Q. (2018). *Les ateliers d'amphores à huile du conventus d'Hispalis (Séville, Espagne): Caractérisation et étude d'une zone de production de la province romaine de Bétique (Ier s. av. J.-C.–Ve s. ap. J.-C.)* [Tesis doctoral, Universidad de Sevilla]. <https://hdl.handle.net/11441/83837>

MOROS DÍAZ, J. (2021). *Organización productiva de las ánforas olearias béticas (Dressel 20, ca. 30–270 d.C.)* (Instrumenta, 77). Edicions de Universitat de Barcelona Edicions.

OLMER, F. (1997). *Les amphores romaines en Bourgogne: Contribution à l'histoire économique d'une région de La Tène finale au Haut-Empire* [Tesis doctoral, Université de Bourgogne].

PÉREZ GONZÁLEZ, J. (2017). Nuevos ejemplares de marcas sobre ánforas Dressel 20 en el territorio del Conventus Hispalensis: Villar Tesoro, Azanaque y La Catria. *Onoba. Revista de Arqueología y Antigüedad*, (5), 75–87. <https://doi.org/10.33776/onoba.v0i5.3124>

REMESAL RODRÍGUEZ, J. (1977-1978). La economía oleícola bética: Nuevas formas de análisis. *Archivo Español de Arqueología*, 50–51, 1977–1978. CSIC, Instituto Rodrigo Caro.

REMESAL RODRÍGUEZ, J. (1986). *La Annona Militaris y la exportación de aceite bético a Germania*. Ediciones de la Universidad Complutense.

REMESAL RODRÍGUEZ, J. (2018). Corpus de los sellos en ánforas Dressel 20. En J. Remesal Rodríguez (Ed.), *Colonia Ulpia Traiana (Xanten) y el Mediterráneo. El comercio de alimentos* (Instrumenta 63). Universitat de Barcelona.

REMESAL RODRÍGUEZ, J. (2022). *Heinrich Dressel y el Testaccio: Nuevos datos sobre los materiales y la formación del Corpus Inscriptionum Latinarum, XV* (Instrumenta, 80). Edicions de la Universitat de Barcelona.

REMESAL RODRÍGUEZ, J., & PÉREZ GONZÁLEZ, J. (Eds.). (2022). *Arqueología y Técnica: Métodos formales, nuevos enfoques / Archaeology and Techne: Formal methods, new approaches* (Access Archaeology). Archaeopress. <https://doi.org/10.2307/j.ctv2x7t7x>

SCHÜPBACH, S. (1983). Avenches: Contribution à la connaissance de la chronologie des estampilles sur les amphores à huile de Bétique. En J. M. Blázquez Martínez & J. Remesal Rodríguez (Eds.), *Producción y comercio del aceite en la Antigüedad. Segundo Congreso Internacional* (pp. 419–444). Universidad Complutense de Madrid.

SEIGNOVERT, F. (1979). *La vallée du Rhône et la diffusion de l'huile de Bétique à l'époque romaine* [Mémoire de maîtrise, Université de Saint-Étienne].

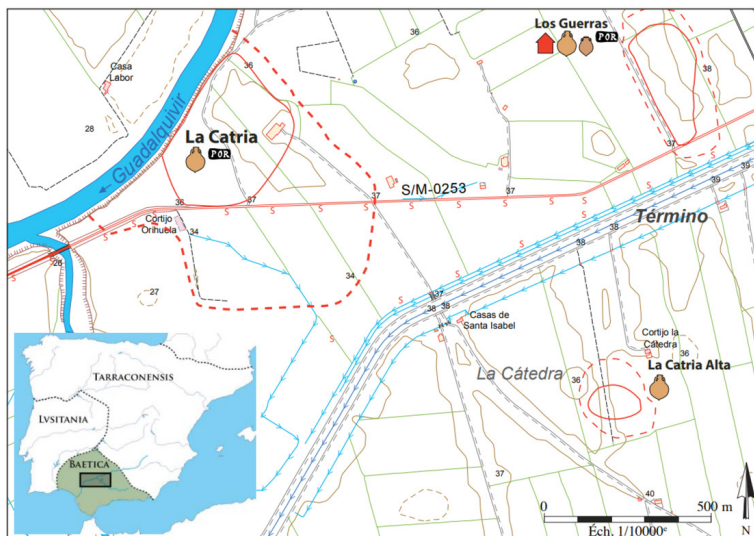


Fig. 1 - Ubicación de La Catria en el mapa catastral - mapa base: Junta de Andalucía, modificado (DESBONNETS 2018, 626 y 1088, en base a BERNI 2008). En la esquina inferior izquierda, situación en el contexto peninsular (edición de los autores).

(MRE n°39)

L. F(...) **S(...)** 1 extraxoras 1 lecturas 5 matrices

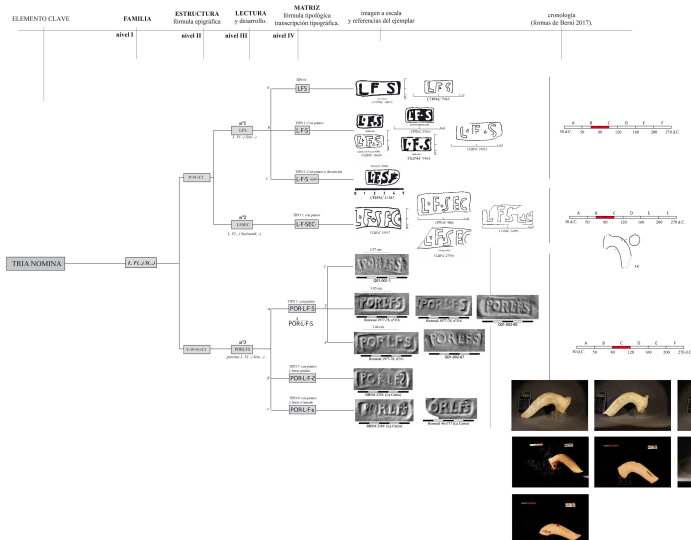


Fig. 2 - Dendrograma de la serie PORLFS. Fuente: Juan Moros Díaz. Versión consultable en mayo de 2025. Enlace de visualización: MOROS DÍAZ, J. (s.f.). Perfil de Juan Moros Díaz en Academia.edu. Recuperado el 26 de mayo de 2025, de Dendrogramas MRE 39.



BBSM 2646 (La Catria)



BBSM 2350 (La Catria)



BBSM 2336 (La Catria)



BBSM 2369 (La Catria)

FIG. 3 - POR·L·F·S (BBSM 2646); POR·L·F·S (BBSM 2350); POR·L·F·2 (BBSM 2336);
POR·L·F·s (BBSM 2369).